


**QUEM
SOU
EU,
AFINAL?**

Um romance sobre o Mal de Alzheimer

RICARDO VALVERDE

 | São Paulo, 2021

Quem sou eu, afinal?

Copyright © 2021 by Ricardo Valverde

Copyright © 2021 by Novo Século Editora Ltda.

2ª edição

EDITOR: Luiz Vasconcellos

REVISÃO: Daniela Georgeto

DIAGRAMAÇÃO E CAPA: Equipe Novo Século

DESENVOLVIMENTO DE EBOOK: Loope Editora | www.loope.com.br

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 10 de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Valverde, Ricardo

Quem sou eu, afinal? : um romance sobre o Mal de Alzheimer / Ricardo Valverde. -- 2. ed. -- Barueri, SP : Novo Século Editora, 2021.

ISBN: 978-65-5561-002-4 (Ebook)

1. Ficção brasileira 2. Alzheimer, Doença de - Ficção

I. Título

20-2412

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : ficção B869.3

NOTA DO AUTOR

Há aproximadamente vinte anos, eu conhecia o Mal de Alzheimer da maneira mais triste e tradicional possível, exatamente como a maioria das pessoas que se relaciona de alguma forma com a doença acaba conhecendo. Minha família passava as férias de janeiro em Santos, litoral de São Paulo, e estávamos todos na praia. Era um dia de muito sol e calor, uma típica manhã de verão. Minha avó, pessoa a quem dedico este livro e tive a honra de dividir boa parte da vida, apanhou os óculos na bolsa, colocou-os no rosto sem que uma das hastes estivesse devidamente apoiada atrás da orelha e não percebeu. Ela se levantou e começou a caminhar pela areia em direção ao mar. Eu corri em sua busca, o coração aflito, sem saber como iria abordar a situação ou talvez consertar aquilo. Comecei a andar ao seu lado, o braço ao redor de suas costas e um ardido incomum atacando meu estômago. Perguntei a ela se eu poderia experimentar seus óculos para saber quantos graus de miopia ela tinha. Uma desculpa bem esfarrapada, mas foi o que consegui naquela hora. Afinal, não desejava deixá-la embaraçada de modo algum. Eu os coloquei em meu rosto e sorri para ela. Perguntei como eu havia ficado. Minha avó respondeu que eu era lindo de qualquer jeito e ergueu as mãos para apanhá-los de volta. Sugeri colocá-los em seu

rosto e ela assentiu. Retirei os óculos e os acomodei em seus olhos com enorme cuidado, as hastes encaixadas atrás das orelhas da maneira correta. Voltei para casa com uma tristeza diferente, uma sensação de incerteza pairava em meus pensamentos. Tentei me enganar, dizendo a mim mesmo que aquela cena não passaria de uma pequena confusão, que não se repetiria, mas infelizmente não foi assim que aconteceu. Nos meses seguintes, minha avó foi acometida por uma série de eventos semelhantes. Não se lembrava dos locais onde havia deixado suas coisas, em uma dessas ocasiões saiu aflita à procura de sua escova dental, e ela estava entre seus próprios dedos. Pouco tempo depois, o nome e a função da maioria dos objetos com os quais costumava interagir em seu cotidiano foram esquecidos. A partir daí, passou a falar coisas sem sentido e a perguntar quem nós éramos. A ideia do título deste livro, “Quem sou eu, afinal?”, surgiu nesse momento. Minha avó apresentou bastante agressividade durante um período intermediário da doença, infelizmente uma fase pela qual todos acabam passando. Certa vez, socou a porta do armário gritando para que a deixassem sair, imaginando que aquela porta a conduziria para a rua. Anos depois, deixou de andar e perdeu a consciência de quem ela era ao se olhar no espelho. Veio a falecer no início de 2013, dezesseis anos após o diagnóstico, depois de uma série de internações por pneumonia, infecções urinárias e insuficiências respiratórias. Alguns meses mais tarde, a

primeira edição deste romance chegou às livrarias de todo o país.

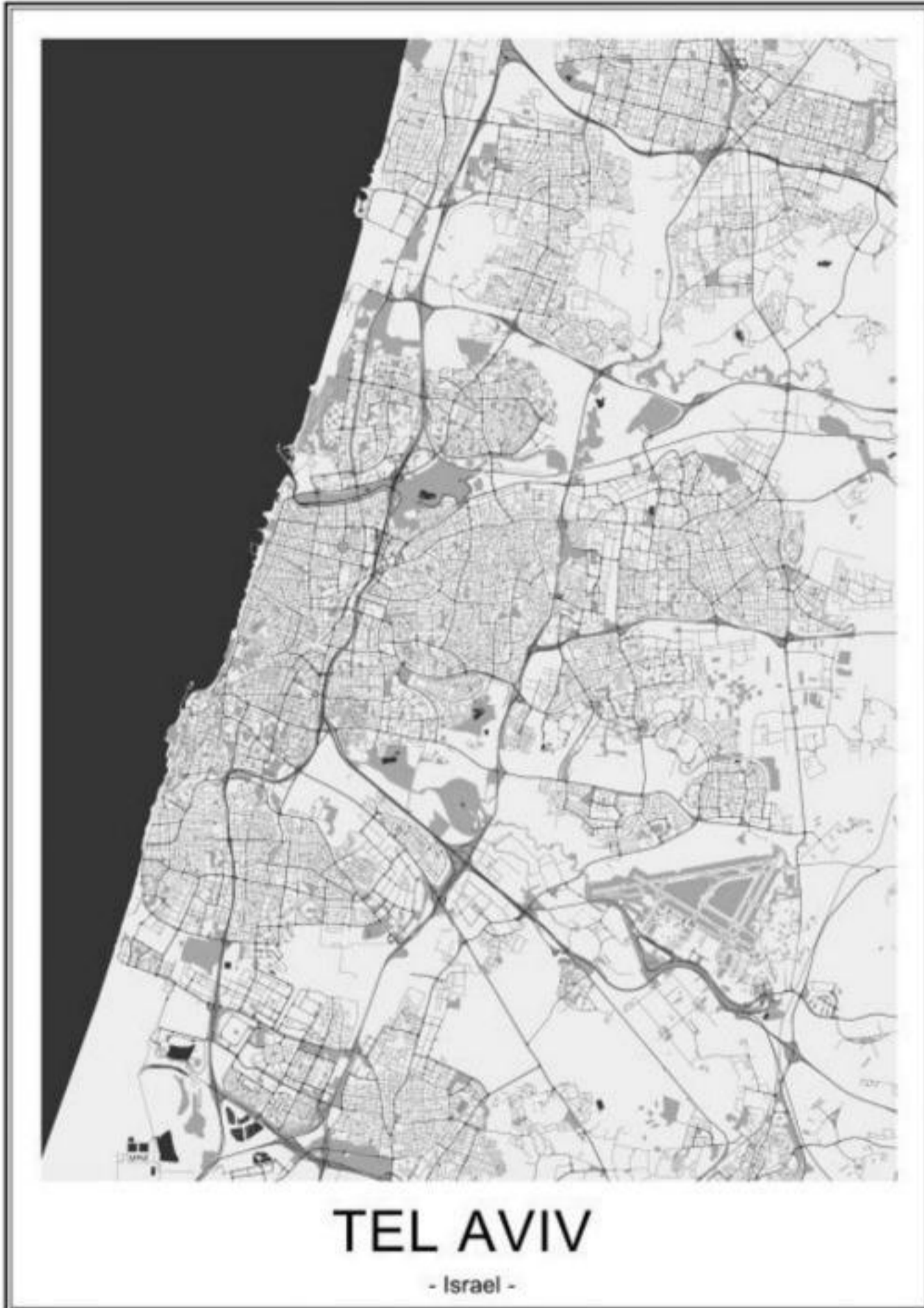
Não sei se penso dessa forma apenas para me consolar, ainda busco explicações para essa terrível doença e não há um dia sequer em que eu não sinta a falta da minha avó, dos livros que ela compartilhava comigo, dos sorrisos e das palavras de carinho que se habituou a dizer nas noites em que eu a visitava. Eu retribuía, escondendo bilhetinhos escritos “Eu te amo” sob seu travesseiro. Minha avó adorava. Gosto de acreditar que ela já sabia pelo que passaria ao final de sua vida, assim como milhares de pessoas ao redor do mundo diagnosticadas com a doença. Um tipo de renúncia a serviço da humanidade, em prol de uma vida mais longa e com qualidade para as gerações futuras. É assim que eu procuro pensar. Caso contrário, não conseguiria escrever este livro. Aliás, nas páginas a seguir você vai se deparar com o Mal de Alzheimer com manifestação precoce, fato que tem se tornado cada vez mais frequente. Quando eu estive em Israel para ambientar o livro, soube de um homem de apenas quarenta anos diagnosticado com a doença. Estudei esse e alguns outros casos e desenvolvi o romance a partir dessa perspectiva. Ainda assim, muitas cenas que você vai ler aqui aconteceram de fato com a minha avó, uma das pessoas mais lindas que eu tive o prazer de conhecer e conviver no Planeta Terra.

Boa leitura!

Ricardo Valverde

PARTE I

Passado Com Presente Tempos Oscilantes



UM

Tel Aviv, 1993

– Alô?

– Daniel Lebzinski?

– Sim.

– O senhor está sendo aguardado no laboratório antes do almoço – uma voz amigável e conhecida anunciou, quase num sopro.

– Judith, eu já estou indo – respondeu, com a voz preguiçosa e rouca, típica de quem acabara de acordar. Antes, passou rapidamente pelo chuveiro frio, queimado meses atrás e nunca trocado. Vestiu-se com sua habitual calça social cinza, uma camisa branca de manga curta, sapatos e meias pretos. Saiu de casa às pressas, logo após ter trancado a porta e guardado as chaves no bolso de trás da calça. Desceu as escadarias do prédio com enorme cautela e ganhou a rua sem comer nada, como se acostumara a fazer, cerca de vinte minutos depois de ter atendido ao telefone.

O dia havia amanhecido debaixo de um calor nauseante, o céu pintado num tom azul-claro e uniforme, onde algumas nuvens brancas, quase translúcidas, boiavam solitárias e sem rumo. Uma brisa leve agitava as folhas secas salpicadas pelas ruas e calçadas de Tel Aviv. A cidade, fundada em 1909 nos arredores da antiga província de Jaffa, situava-se na

costa mediterrânea de Israel, com uma área aproximada de 51 quilômetros quadrados. Era a maior e mais populosa cidade da região metropolitana de Gush Dan, onde viviam 3 milhões de pessoas. Tel Aviv e Jaffa foram fundidas em um único município em 1950, dois anos após a criação do Estado de Israel.

O doador de sêmen , como Daniel Lebzinski era conhecido, caminhava lentamente, muito mais pela distância da juventude do que pela tranquilidade daquele sábado de agosto. Ele adorava passear pela cidade e observar os edifícios construídos segundo o estilo Bauhaus, levado na década de 1930 por arquitetos judeus europeus que fugiram do regime nazista. Funcionava para ele como uma terapia diante da tristeza de quase todos os dias, das décadas sem sentido. Havia passado os seus 50 anos aqui na Terra a vagar pelas sombras, apenas para não ser notado, sobretudo para fugir de si mesmo. Nunca pôde viver da pintura, seu sonho desde que era garoto, contentando-se em utilizar o pincel exclusivamente como um esporte nos finais de semana. Porém, naquele dia, seu passeio não lhe trazia nenhuma boa lembrança, tampouco prazer.

Ele alcançou os degraus da frente do Hospital Ichilov, um dos mais antigos e importantes de Israel, localizado na Avenida Weitzman, próximo ao centro comercial de Kikar Hamedina, aos solavancos, levando nas costas, magricelas e encurvadas, o peso do cansaço e do remorso. Seus olhos arderam com a iluminação do amplo

saguão, decorado em mármore e granito branco polar. Percorreu o cômodo num segundo até encontrar a enfermeira Judith Stelar, com quem mantinha um relacionamento profissional e uma amizade de longa data. Ela o recebeu com um sorriso delicado e o conduziu por um corredor estreito cheirando a detergente e repleto de portas de madeira, pintadas em branco, mesma cor da fachada do prédio. Seus passos se tornaram cada vez mais sonolentos à medida que avançava, adiando ao máximo a chegada à sala de combate, como costumava chamá-la nos tempos em que sorria para o trabalho. Ao fundo, pouco à frente de uma escada que descia em espiral, uma janela escancarada se permitia invadir-se pelos raios de sol, ferventes e intermitentes, dificultando ainda mais sua respiração, curta e ofegante.

Ele prometeu a si mesmo que aquela seria sua última vez. Já fizera essa promessa inúmeras vezes, mas os vencimentos das contas que se acumulavam em atraso fizeram-no quebrar a palavra em todas elas. A pele do doador de sêmen se retesou num súbito, tão logo seus passos se lançaram ao final do corredor, dando de cara com uma pequena saleta. A enfermeira caminhava a sua frente, vestida de branco da cabeça aos pés, os saltos quicando no chão no ritmo do coração de Daniel Lebzinski, pesado e acelerado.

– Espere aqui – ela disse, com a voz entre os dentes.

O homem aquiesceu e se acomodou numa poltrona amarela, disposta ao lado de uma porta pintada na mesma cor e de uma mesa de vidro, onde se apresentavam inúmeras revistas velhas, em sua grande maioria sobre gestantes. O seu cenho pensativo, silencioso e tenso, escondia a explicação para mais uma vez se submeter àquele ato. Uma senhora rompeu o cômodo assim que abriu a porta e em seguida o convidou para entrar. Ela tinha os cabelos avermelhados, olhos cor de caramelo e sobrancelhas fartas. Óculos finos pendiam de seu nariz, pontiagudo, mas bem charmoso.

Vestia branco como Judith e, em seu crachá, lia-se Dalia. O coração do doador de sêmen disparou ao atravessar a porta e descer a galopadas uma pequena escada, com degraus imensos e imersos na penumbra. Aos olhos de uma criança, aquele seria um ótimo esconderijo para vencer uma brincadeira inocente, a qual, décadas atrás, também divertira o pequeno Daniel, ainda livre da obscuridade e dos caminhos espinhosos que a vida lhe apresentou. Desta vez, nada lhe parecia divertido. Ao contrário disso, um pensamento perfurou sua mente como uma flecha envenenada e o desviou daquele momento.

Talvez fosse um bom local para se perder e deixar meu corpo falecer, a milhas de distância de um rosto conhecido, salvo os de Judith, que me asseguraria a única flor sobre minha lápide, sem saudações.

De volta à realidade, encontrou à frente uma nova porta, desta vez pintada num tom cinza e mergulhada num cômodo minúsculo, onde uma cadeira de alumínio se revelava no breu. Lembrou-se de seu apartamento, tão pequeno quanto aquele caixote de paredes brancas, e respirou com mais calma. Outra enfermeira, de pele negra, cabelos curtos, alta e de seios robustos, o interpelou com a voz firme e o trouxe novamente de seus constantes devaneios.

– Entre – ofereceu, num tom sério. Em seu crachá, destacava-se o nome Esther.

O doador de sêmen concordou com um gesto tímido de cabeça e seguiu ao interior do banheiro. O piso era azul, brilhante como o céu daquela manhã e, assim como o restante do hospital, cheirava a uma mistura de cândida e detergente. O homem varreu o local com os olhos. Havia uma pequena janela, retangular, que se mostrava aberta, logo acima do vaso sanitário, acomodado ao lado esquerdo da pia, redonda e perfumada.

As roupas estavam dobradas, avental e luvas dormiam sobre um cesto de bambu, atrás da porta. Uma revista, onde se via uma morena nua na capa, seios fartos, traseiro empinado e pernas torneadas, jazia numa prateleira bem ao lado.

Que mulher perfeita, pensou, num soluço. Mesmo assim, ela não o interessou. Preferiu se trocar com rapidez. Queria deixar aquele inferno o mais depressa

possível. Depois de pronto, avental laranja e luvas cirúrgicas, inclinou o rosto na direção do espelho e notou os sinais de seu envelhecimento. A pele brilhosa não existia mais. Em seu lugar, rugas, papada, olhos depressivos e cabelos mais brancos do que os charmosos grisalhos pintavam a tela de um homem vazio, cansado e que transpirava mágoas.

Uma batida na porta, seguida de um grito arrastado, chamou a atenção do doador de sêmen.

– Já terminou, senhor?

Preferiu o silêncio a qualquer palavra como resposta. Apoiou as mãos no encosto do vaso e deslizou o corpo até se acomodar sentado. Segurou com a mão direita, firme, dedos cerrados, o pênis rijo, como os anos de prática o fizeram se acostumar. Na mão esquerda, um copo de plástico aguardava o material a ser ejaculado. Nada de novo!

Ele já fizera aquilo tantas vezes, conhecia todos os ritos. Sua respiração foi se tornando ofegante e entrecortada à medida que o punho descia e subia a pele de seu membro. O sangue quente que corria em suas veias contrastou com a brisa fresca que mergulhou acidentalmente naquele cubículo através da janela e atingiu sua nuca suada. Ele fechou os olhos num gesto calmo e adocicado. Estava vindo, ele podia pressentir. *Perto do gozo! Não! Perto do fim*, pensou, tentando negar o prazer físico, que lhe trouxe primeiro o silêncio, um formigamento na pele logo em seguida e, por último,

movimentos bruscos, involuntários e o encontro com a morte. Não a morte que ele desejava, mas um hiato em seu tempo, seguro, antes de o esporro lembrá-lo que a vida também apresentava a pessoas como ele instantes de prazer. Salvo o orgasmo biológico, para ele, só restava tristeza, solidão e amargura. Tinha a certeza de que terminaria sua vida sem ninguém a segurar sua mão quando suspirasse pela última vez. Sem um rosto amigo a chorar sua partida e sua ausência. O líquido branco, grosso e pastoso, preencheu a metade do recipiente. Era o suficiente. Anos atrás, dois copos daquele não bastavam, seu vigor era como o de um leão a caminho da caça.

Aquela sensação de paz e conforto, de plenitude e quietude, comum no período pós-orgasmo, a ele nada significava. Uma lágrima caiu de seus olhos e escorregou por toda sua face no mesmo instante em que a última gota de esperma deixava para trás a cabeça de seu pênis e escorregava copo adentro. Ele arfou com cansaço, se higienizou como de praxe, saiu de maneira envergonhada, também como os anos de experiência lhe ensinaram, pegou seu cheque, como se acostumou a fazer, e chorou, como havia prometido, pela última vez.

DOIS

Jerusalém, dias atuais

Benjamim estacionou o carro em fila dupla, de frente para o edifício Haim II, na movimentada Avenida Nablus, que ligava a Catedral de São Jorge e a Basílica de Santo Estevão ao Portão de Damasco, um dos infinitos portais da cidade antiga de Jerusalém, construído em 1542 pelo Sultão otomano Solimão, o magnífico. Já era tarde, passava das 22 horas. Sabia que, a essa altura da noite, os policiais que penalizavam motoristas infratores estavam em suas casas há bastante tempo. E mesmo que o fizessem, num caso raro, o fato de estar em processo de serviço militar o livraria facilmente do pagamento de multas de trânsito. O jovem inclinou seu olhar na direção do relógio, disposto no painel do carro, um Chery do ano, e bufou de maneira impaciente ao notar que Laila estava atrasada, embora não fosse nenhuma novidade. Eles se conheceram na infância, estudaram durante onze anos no Colégio Schmidt, ao final da mesma avenida, esquina com a Rua Sultain Suleiman, que se estendia até o Museu Rockefeller, também conhecido como Museu da Palestina, encravado na estreita Rua Az-Zahra, no bairro de Al-Musrara, local onde morava desde que nasceu. Além de frequentarem as mesmas salas de aula, os pais de Laila,

os senhores Samuel e Lenora Mordechai, viviam na casa de Benjamim, ora jogando pôquer, ora organizando jantares luxuosos, sempre na companhia de seus pais, Elad e Menorah Raviv.

Logo após a morte da mãe de Lenora, a senhora Nehama, avó de Laila, aos 98 anos de idade, lúcida e autônoma, as visitas dos Mordechai à casa dos Raviv foram se tornando cada vez mais raras, coincidindo também com a época em que Benjamim e Laila descobriram os primeiros beijos. Mesmo com o afastamento das famílias, os dois mantiveram um relacionamento sólido de amizade e namoravam há aproximadamente dois anos.

Benjamim voltou seus olhos à portaria do edifício com certo desdém. Um prédio de quatro andares, recém-pintado na cor bege, como quase todas as construções da cidade, se agigantou diante da janela do carro. À frente da fachada do condomínio, um jardim meticulosamente tratado se estendia até a calçada, em obras, e dava um pouco de brilho àquela noite mergulhada na escuridão. Ele costumava fazer o percurso a pé, mas, diante da tempestade que desabou sobre a cidade na noite anterior, danificando toda a iluminação de Jerusalém, achou por bem ir dirigindo.

A lua cheia e brilhante que se precipitava no céu encoberto por nuvens cinzentas daquela sexta-feira de *Shabat* para os judeus tentava substituir, sem sucesso, a luminosidade dos holofotes, que dormiam nos leitos do

abandono. O *Shabat*, cuja tradução significa *cessar* ou *parar*, é o nome dado ao descanso semanal no judaísmo, simbolizando o sétimo dia em Gênesis, momento em que Deus repousou após os seis dias de criação. Neste dia, como todas as sextas-feiras do ano, o *Muro das Lamentações* recebe um enorme número de fiéis, que festejam com cantos, danças e orações do *Torá*, texto central dos judeus, a chegada do dia sagrado.

Por serem cristãos, não praticantes, é verdade, tais acontecimentos nunca alteraram a rotina das famílias Raviv e Mordechai, muito embora Benjamim demonstrasse, silenciosamente, certa simpatia e inclinação ao judaísmo, chegando, inclusive, a frequentar às escondidas, vez ou outra, a Sinagoga Hursa, reaberta há poucos anos, localizada no centro da cidade velha de Jerusalém.

Foi então que a viu. Todo o mau humor instalado pelo atraso da namorada se dissipou no momento em que Laila se apresentou nas escadarias que davam acesso ao jardim e, em seguida, no portão, de ferro e escuro, como a paisagem da cidade. O sorriso largo estampado em seu rosto também levou Benjamim aos risos. Ela vestia uma calça jeans azul-marinho e uma camiseta preta do Metallica, banda que mais amava. Uma mochila pendia sobre suas costas e saltitava enquanto aquela bela jovem atravessava a avenida correndo, de maneira rápida e desengonçada, na direção do carro. Um boné branco escondia do mundo seus cabelos loiros e lisos, mas não

de Benjamim, que poderia desenhá-la com a perfeição de Dani Karavan, um dos mais famosos pintores israelenses de todos os tempos. Filho de Abraham e Zehava Karavan, Dani nasceu em 1930 e iniciou seus estudos em pintura aos 14 anos, em Tel Aviv e Jerusalém. Nos anos 1950 foi a Paris e Florença para se aperfeiçoar. Seus trabalhos estão espalhados por todo o mundo.

A porta se abriu e Laila entrou no veículo, juntamente com a brisa gelada que soprava do lado de fora e acabou por retesar a pele de Benjamim. Um abraço forte, seguido de um beijo quente e molhado, antecedeu a partida do motor do carro, que ganhou vida pelas ruas de Al-Musrara. Uma garoa fina e tímida arranhava o para-brisa do Chery QQ prateado, presente de aniversário dos pais de Benjamim, cerca de quatro meses atrás. Na oportunidade, o rapaz alto e esguio, pele clara e cabelos raspados a máquina zero, havia completado 20 anos, mesma idade da namorada.

– Oi, meu lindo! – ofegante, a jovem cumprimentou Benjamim assim que seus lábios se descolaram da boca do namorado num estalo macio. Com o carro já em movimento, Laila, como sempre fazia, apertou o cinto de segurança e jogou a mochila no banco de trás.

– Tudo bem? – ele perguntou de soslaio.

– Aham – Laila afirmou.

– A mochila quer dizer que...

– Aham – repetiu o grunhido e o gesto afirmativo com a cabeça. Sua voz interrompeu as palavras de

Benjamim, que, surpreso, deixou-se cair na gargalhada e seus olhos se arregalaram num impulso arrebatado. Em seu cenho, lia-se felicidade!

– Será o melhor fim de semana de nossas vidas, tenho certeza! – ele gritou a plenos pulmões e ligou o som do rádio. A música *Ten ton hammer*, do Machine Head, acordou as caixas laterais do interior do Chery e os risos só se fizeram aumentar.

– Eu também! Até comprei uma roupa de baixo para a ocasião. Acho que você vai adorar! – adivinhou, imprimindo nos olhos o carinho e o desejo que sentia por ele.

– Não vejo a hora – ele disse, se empertigando no banco, com a imagem da namorada de lingerie perambulando pela sua mente. Seus pais passariam o final de semana em Berseba, acompanhando a cerimônia de cremação de tia Tamara, prima distante de Elad. Pela primeira vez, em todo esse tempo que estavam juntos, dormiriam na mesma cama.

– O que disse aos seus pais? – Benjamim perguntou, pausando a música da banda norte-americana de *thrash metal*, que sacudia o interior do veículo.

– Que passaria o final de semana estudando na casa de Batsheva para as provas da semana que vem. Eles a amam! – completou Laila, aos risos.

De fato, o senhor e a senhora Mordechai rasgavam elogios à amizade da filha com Batsheva, sempre muito estudiosa e educada.

Benjamim desligou o carro, pendurou a mochila da namorada nas costas e a conduziu de mãos dadas para dentro de casa. Mas, ao contrário do que as evidências indicavam, não seria nesta noite que eles fariam amor.

TRÊS

Jerusalém, 1993

O barulho estridente do telefone não parava de soar. A recém-casada Menorah Raviv se levantou da cama aos solavancos. Resolveu não acender a luz do abajur, disposto sobre a mesa de cabeceira ao seu lado direito, para não acordar o marido, cujo sono era leve como uma pluma a viajar pelo vento. Todavia, se dependesse da altura e do tempo que o telefone havia iniciado sua cantoria, Elad Raviv poderia muito bem já ter despertado. Mas ela o conhecia bem. Sabia que o esposo amava uma soneca com qualidade. Em sua noite de núpcias, o cansaço do marido era tanto, devido aos preparativos da festa de casamento, que ele mal conseguiu tocá-la. Hibernou na enorme cama de água do Hotel Feronya, em Istambul, cidade mais importante da Turquia, se redimindo na noite seguinte. Menorah cambaleou até a porta do quarto e seus olhos foram atingidos pela luz forte da manhã ensolarada daquele início de verão israelense, que se estende de abril a outubro. Cerrou os olhos até ser capaz de decifrar onde estava e de onde vinham os gritos do telefone. Arfou de maneira prolongada e se encaminhou a passos apertados e desequilibrados na direção da escada. Eles haviam se

mudado há oito meses para este sobrado luxuoso, que gozava de um conforto acima da média para os padrões israelenses, situado no bairro de Al-Musrara, em Jerusalém. Desceu os degraus pulando de dois em dois e atendeu ao telefone com a voz rouca e entrecortada.

– Pois não?

– Senhora Menorah Raviv?

– Sim.

– Yakoov, secretário do IAF Laboratórios.

– De onde?

– Inseminação Artificial e Fecundação Laboratórios.

– Olá! – Menorah se acomodou no sofá estofado e florido da sala de estar. A esta altura, sua voz já demonstrava uma boa dose de ansiedade e atenção.

– O procedimento será realizado hoje mesmo pela manhã, no Hospital Ichilov, em Tel Aviv, próximo a Kikar Hamedina, por volta das 11 horas. É importante que você esteja em jejum e não se atrase – orientou Yakoov, com a voz pausada e calma.

– A que horas devo chegar? – ela perguntou, sem pestanejar.

– Recomenda-se chegar duas horas antes da cirurgia – sugeriu.

– Estarei lá – Menorah respondeu e desligou o aparelho, sem esconder a alegria e a motivação que a dominavam. Olhou de esguelha na direção do relógio preso à parede sobre a televisão e respirou aliviada. Eram 6 horas da manhã. Havia tempo de sobra para acordar o

marido e se locomover com certa tranquilidade até o hospital em Tel Aviv. Um sorriso encantador se abriu em seu rosto pálido, de traços finos e delicados. Ela era uma mulher muito bonita, chamava a atenção dos homens onde quer que estivesse.

Subiu os degraus com confiança e pressa, rompeu o quarto e mergulhou sobre o corpo do esposo.

– Elad, acorde! Nós vamos ter um filho! – Algumas lágrimas escaparam junto às palavras.

– O quê? – ele resmungou, abrindo os olhos de maneira assustada.

QUATRO

Tel Aviv, 1993

Passava das 13 horas quando o doador de sêmen deixou o Hospital Ichilov a galopadas, passos firmes e apressados. Antes, apanhou o seu pagamento na tesouraria e seguiu viagem. Mergulhado num bálsamo de tristeza, sua insatisfação, longe de ser momentânea, martelava em sua cabeça como se fora um mestre em obras, forte e intermitente. Seus passos diminuíram de velocidade ao sentir o estômago roncar, reclamando a falta de comida. De fato, estava sem colocar nada na boca desde a noite passada. Lambeu os beiços ao pensar em se sentar na primeira padaria que encontrasse pelo caminho e quebrar o seu forçado jejum. Mas, ao longo de sua caminhada pela Avenida Shaul Hamelek, que vinha desde a extensa Weitzman e desembocava na região de Kikar Dizengoff, próximo ao bairro onde vivia, inúmeras padarias se apresentaram diante de seus olhos sem lhe despertar o devido interesse. Num súbito, suas pernas estacionaram e o doador de sêmen examinou o local com os olhos, sorveu o ar com enorme dificuldade, mãos na altura do peito, e aguardou por alguns poucos minutos até apanhar o ônibus número 4, que cruza a estreita Rua Allenby, saltando, minutos depois, na entrada do

Mercado Carmelo, o maior e mais famoso da cidade, conhecido pelos Israelitas como *Shuk Ha Carmel*. Um local encantador, visitado por turistas do mundo inteiro e muito frequentado pelos moradores de Tel Aviv. Lá, o visitante encontra desde tecidos, tapetes e roupas até inúmeros tipos de frutas, pães, pastas, doces e bebidas. Perfeito para comprar quinquilharias e para um lanche fora de hora!

Nada disso seduziu Daniel Lebzinski, que atravessou o mercado a passos apertados e dobrou a esquina na Eliezer Kaplan, uma ampla e moderna avenida, cercada por prédios altos, lojas de marcas conhecidas mundialmente, casas de chá, cinemas e teatros. Avançou até ganhar a Rua Jatotinsky, na entrada de Neve Tzedek, primeiro bairro de Tel Aviv, seguindo na direção da Rua Tarzhav, onde morava. Com construções charmosas e muito antigas, esquinas arredondadas, ruelas estreitas no estilo europeu e intensa vida noturna, Neve Tzedek tinha a aparência de uma vila e se tornou um dos mais importantes pontos de encontro dos moradores da cidade. Essa região era famosa por ter abrigado inúmeros artistas israelenses e pela sua arquitetura Georgiana, que assimilava elementos neoclassicistas às estruturas góticas.

Um jovem de bigode tão saliente que lhe tapava os lábios, vestido com uma calça jeans surrada, sandálias e um avental marrom desbotado, o cumprimentou.

– Como vai, Daniel?

Mas o doador de sêmen estava aturdido em seus atormentados devaneios e retribuiu o cumprimento apenas com um tímido gesto de cabeça. Em seu pensamento, uma nota fora do tom lhe chamou a atenção. *Quem é esse cara?*, pensou, de maneira entrecortada e confusa, enquanto continuava a bater perna pela rua onde morava. O jovem, que cuidava do armazém agrícola de seu pai, inaugurado nos anos 1940, insistiu em saudá-lo quando o avistou novamente passando cabisbaixo em frente à entrada de seu estabelecimento.

– Como vai, Senhor Lebzinski? Quer alguma coisa? – arriscou. Sua voz, alta e robusta, carregava certa preocupação ao notar que o vizinho havia passado reto pelo portão do edifício onde morava pela segunda vez.

O doador de sêmen, na oportunidade, mal ergueu a cabeça, ignorando o jovem Kibutz e marchando em frente sem pestanejar.

A origem da palavra Kibutz vinha de Kutzvá, que, traduzindo do Hebraico, língua oficial do país, significava comunidade. O nome fora utilizado para identificar os jovens judeus que se instalaram nas colônias agrícolas vindos da Europa Oriental. Hoje, a palavra é empregada para definir as pessoas que trabalham com frutas, verduras e legumes, incluindo as grandes indústrias de exportação, e as comunidades religiosas dos judeus ortodoxos.

Mais uma volta pelo quarteirão até encontrar os portões de ferro do prédio, sempre abertos, graças à falta de violência daqueles raros tempos de paz vividos na cidade de Tel Aviv. Avançou pelo interior do solitário corredor, brilhante e extremamente limpo, e subiu as escadarias, cheirando a cloro, até seu corpo se deparar com a porta de número 101, de madeira maciça, pintada na cor azul-claro, como as outras do mesmo andar, o portão da frente e as janelas espalhadas por todo o imóvel. Daniel arfou com desânimo, tateou os bolsos e arregalou os olhos de maneira assustada. Entalada na garganta, a única sentença que viajava pelos túneis de sua mente:

– Onde está a chave? – se perguntou em voz alta.

Nada veio a sua cabeça naqueles minutos que se seguiram, exceto outras frases, ansiosas por respostas e explicações que lhe roubavam a ínfima quantidade de paz que ainda salpicava pelo interior de sua alma.

De onde viera? O que havia feito pela manhã?

Confuso, como se um vazio, um hiato, um buraco houvesse se instalado no tempo, recostou a cabeça na madeira da porta numa demonstração de derrota e entrega, e esperou até que alguma resposta lhe chviscasse a mente.

Os segundos se transformaram em minutos e nada! Uma lágrima escorreu por toda a extensão de sua face até surgir, em seus lábios, um nome:

– Judith – deixou escapar, erguendo a cabeça com alívio, mas sem sorrir. Como o sol depois da tempestade, aquela sinapse de recordação lhe trouxera certa tranquilidade. Mais tarde, aquele mesmo sinal que lhe presenteou com um breve afastamento de seu sofrimento e um singelo semear de esperança o cumprimentaria como uma afiada e dolorosa estacada no peito e se apresentaria na sua mente como um dos primeiros sintomas da doença que o acompanharia pelo restante de seus dias na Terra, o Mal de Alzheimer. Por ora, o doador de sêmen deixou-se cair, entregando-se à fadiga, ali mesmo, no chão gelado do corredor do edifício, com as costas apoiadas na porta fechada, que o separava do interior de sua casa.

CINCO

Naquela mesma tarde

O perfume de detergente assaltava a respiração da experiente enfermeira, enquanto, logo após o final de seu expediente, limpava e preparava as vias e os cômodos do laboratório para o turno da noite. Há anos agia da mesma maneira. Judith fazia questão de inspecionar cada centímetro do setor pelo qual era responsável e não se colocava no caminho de casa se tudo não estivesse brilhando, como um raro diamante. E foi um metal brilhante que lhe chamou a atenção no instante em que apagava a luz do último cômodo do extenso laboratório, o banheiro.

O que é aquilo? Um pensamento chuviscou em sua mente.

Judith Stelar se apoiou sobre os joelhos na esperança de melhor enxergar, mas não foi capaz de identificar o objeto reluzente que jazia no chão, disposto na parte de trás do vaso sanitário. Não encontrou outra maneira e resolveu se agachar e engatinhar pelo piso até a parede do fundo, que abrigava uma pequena janela retangular. Esticou o braço o máximo que pôde e a ponta de seus dedos tocou uma textura rígida e fria, fazendo-a recuar num súbito. Riu de si mesma quando descobriu, na

segunda tentativa, que sentira medo de um molho de chaves. Uma flechada atacou-lhe na altura do peito quando seus olhos pousaram sobre o chaveiro, uma gôndola veneziana, e seu sorriso foi engolido garganta abaixo, deixando em seu lugar uma expressão séria e preocupada.

– Daniel – deixou escapar em voz alta.

A enfermeira saltou para fora do hospital às pressas, vestida numa calça jeans agarrada, que ressaltava suas belas curvas, um tênis de caminhada e uma camisa de manga longa pintada na cor preta. Uma bolsa de pano estampada em várias cores pendia sobre seu ombro direito e, na mão esquerda, seus dedos cerrados apertavam com vontade o molho de chaves de Daniel Lebzinski, amigo de longa data. Talvez Judith fosse, para o doador de sêmen, o seu único porto, a sua única lembrança de existir alguém por notá-lo.

E ela o amava! Mais profundamente do que um dia imaginou fazê-lo e, interpretando seus instintos, muito além do que ele a retribuía.

Num passado distante, há aproximadamente quinze anos, Judith e Daniel Lebzinski, na ocasião um jovem forte que exalava energia, tiveram um rápido caso amoroso. Eles saíram algumas vezes para se conhecer, para conversar, para tapear a solidão, que já tatuava em seus tecidos desenhos melancólicos, e acabaram por se tornar amantes, não namorados, como o rapaz gostava de deixar claro. O lapso romântico que os uniu foi

interrompido pelo longo período em que Daniel viveu na cidade de Veneza, na Itália, deixando Judith sozinha e prenha, sem que nunca soubesse. Ela estava presente no momento em que o amado partira.

A Estação Ferroviária de Railway, que ligava Tel Aviv ao aeroporto internacional de Ben Gurion em aproximadamente doze minutos, como sempre, se mostrava lotada. O trem era branco como a neve, que castigava aquele janeiro de frio intenso e não tão incomum em Israel nessa época do ano. Aos seus olhos, que seguravam as lágrimas com enorme dificuldade, aquela serpente de ferros sobre trilhos levava embora sua felicidade e o pai de seu futuro filho. Judith mal sabia que, por dentro, o coração do doador de sêmen gritava para que ele desistisse da viagem e ficasse com ela. Os olhos de Daniel, molhados e avermelhados, observaram-na se distanciar pela janela do último vagão, até perder para as sombras seu único e verdadeiro amor. A jovem Judith viveu cada momento da gravidez se questionando se deveria ou não escrever para o amado e contar-lhe sobre o filho. Chegou a rubricar algumas palavras no papel, por incontáveis vezes, mas a falta de coragem e o hábito de viver por si mesma desde a adolescência, quando a tuberculose levou embora seus pais, fizeram-na sempre desistir. Mesmo em solitude, ao olhar para o filho, já crescido e educado sob seus modestos recursos e infinitos esforços, uma lembrança carinhosa dos tempos em que viveu o seu único e grande amor a abraçava com

*image
not
available*

deslize ocorrido num dia ruim, um fato isolado, como um chuvisco que cai sobre uma montanha, lágrimas se esvaíram de seus olhos exatamente no momento em que ela irrompia os portões do prédio e subia as escadarias com a rapidez de um lobo.

O meu amor jamais irá dormir fora de sua cama, pensou, aflita, mas decidida. *Não, se depender de mim,* completou o pensamento e o percurso.

Seu corpo se enrijeceu num sobressalto e ela levou as mãos na altura do rosto ao avistá-lo naquelas condições. No chão, um homem se achava deitado, com as costas apoiadas na porta de sua casa, olhos fechados e boca entreaberta, como um moribundo caído de bêbado na sarjeta.

Judith tentou engolir as palavras, mas não foi capaz. Deixou escapar um grito, alto e uníssono:

– Daniel?

Dois olhos cansados e caramelados se abriram.

*image
not
available*

cama e, com um movimento brusco e único, a abriu. Não havia nada, além de papéis, uma agenda e alguns CDs. Uma expressão mórbida se revelou em seu rosto.

– O que houve? – Laila perguntou, percebendo que algo andava errado.

– Meu pai deve ter camisinhas em uma de suas gavetas. Espere aqui!

Benjamim saiu do quarto de um golpe só e, num salto ágil e confiante, rompeu a suíte de seus pais à procura dos preservativos que, inocentemente, se esquecera de comprar.

Acendeu a luz, caminhou com rapidez na direção da escrivaninha e abriu a gaveta. Uma calculadora, canetas e vários envelopes se apresentaram diante de seus olhos. Não era o que procurava!

Inclinou o rosto na direção do closet. A gaveta de cuecas e meias, que se mostrava entreaberta, lhe chamou a atenção.

– É isso! – um estalo despontou em sua mente, como se um holofote fosse aceso no breu. O rapaz deslizou até o armário e puxou a gaveta, que escorregou até alcançar seus joelhos. Um apinhado de roupas emergiu para fora do móvel, como detentos fugindo de uma cela recém-aberta.

– Amor, por que você está demorando?

– Um minuto – ele respondeu, cravando os olhos por sobre um envelope cinza e brilhante, onde se lia a data 1992, escrito à esferográfica com a letra do pai.

*image
not
available*

Lembrou-se da primeira vez que fez amor com Elad, na segunda noite de sua Lua de Mel. Istambul queimava sob um calor fervente, ao contrário de seu corpo, que tremia com a pele gélida, ansiosa e insegura, tal como agora, como se estivesse na Sibéria.

Sorriu, pois naquela oportunidade tudo havia ocorrido de maneira satisfatória.

A enfermeira Adélia, uma senhora simpática e de traços finos, rompeu a saleta em silêncio e ofereceu a Menorah um comprimido que ela conhecia muito bem, o indutor de ovulação. Sua composição é feita à base de citrato de clomifeno, e, como preparação ao instante de ovulação, a jovem tomava todas as noites havia quase um ano. Num movimento único, ela lançou o medicamento goela abaixo, negando, logo em seguida, o copo de água que a enfermeira, vestida impecavelmente de branco dos pés à cabeça, lhe estendeu. Sua visão era turva, nublada, estava sem os óculos, esquecera também suas lentes de contato, mas foi capaz de enxergar, numa varredura rápida com os olhos pelos quadros pendurados na parede à sua frente, fotos de lindas mulheres com seus bebês no colo, e se imaginou uma delas. Arfou com um pouco de tranquilidade assim que Elad apareceu e lhe deu a mão.

– Você demorou – ela disse, num súbito.

– Estacionei muito longe, não havia vagas – o esposo respondeu, num sussurro.

Segundos depois, Yakoov, que ligara pela manhã na casa dos Raviv, um jovem alto, moreno, de olhos azuis,

*image
not
available*

salpicado com hortelã. Apesar da imensa alegria que os consumia naquela data especial e nos meses que se seguiram, o nascimento e a convivência com o filho Benjamim foram cercados de muita discórdia conjugal. A identidade do doador de sêmen e a visível falta de semelhança de Elad com seu filho atormentavam o pobre homem e o levaram a deixar e a retornar à esposa inúmeras vezes ao longo dos tempos.

Eles teriam um filho, sonhado desde os dias em que eram namorados, mas não viveriam felizes, como escrito nos contos de fadas.

*image
not
available*

competição, Allen havia recebido o tão sonhado *Bar-Mitzvah*, cerimônia que comemora a maioridade religiosa do jovem judeu e o permite ler o *Torá* em público. Judith sempre se lembra dessa época com enorme ternura e encantamento. Nunca vira Allen tão feliz. Margeada pelo Mar da Galileia, Cafarnaum é conhecida como a cidade de Jesus, por ter se tornado sua morada nos últimos três anos de sua vida, ao lado de Pedro, além de ter abrigado o encontro de Cristo com seus 12 discípulos.

– Está satisfeito? – Judith perguntou, recolhendo os pratos.

– Aham – murmurou Allen, sem tirar os olhos da TV. Em seus pensamentos, o jogo já passava a quilômetros de distância. Uma questão crescia e tomava força em seu interior, ansiando por alguma resposta, como o magma de um vulcão prestes a explodir.

– Você está bem, meu filho? Quer mais alguma coisa antes de se deitar? – sua mãe lhe perguntou com os olhos marejados de cansaço, desviando Allen, por míseros segundos, de seus arrebatadores devaneios. Allen negou com um gesto de cabeça, evitou olhar para sua mãe e se dirigiu na direção de seu quarto, debaixo de um silêncio desconfortável.

– Boa noite – ele disse, num sussurro, antes de se jogar na cama e se entregar a uma longa noite de sono, sem sonhos. Em seus lábios, a pergunta que consumia sua sanidade ainda se construía em voz tão baixa que mesmo os anjos que o protegiam durante a madrugada,

*image
not
available*

Desta feita, Menorah nem precisou empurrar com tanta energia. Projetou o filho ao mundo com certa tranquilidade, e ele deslizou às mãos do médico, escorregando com suavidade, como faria anos depois nos parques do pátio da escola. Menorah cerrou os olhos com alívio e um choro, agudo e fino, ecoou pelo interior da sala invadindo seus ouvidos como se fora uma prece. A nova mamãe sorriu e agradeceu a Deus. Mesmo assim, ainda parecia aflita. Sua pele se mostrava rígida e trêmula, a boca seca e o coração exageradamente acelerado, tanto que parecia querer fugir de seu peito pela garganta. O corpo de Menorah se acalentou tão logo a enfermeira Nelly, nome que se destacava no crachá por sobre o avental branco que a vestia, trouxe o filho junto a seu peito.

– Você já sabe o nome? – a enfermeira Nelly perguntou, num sussurro.

– É menino ou menina? – Menorah retrucou. Durante a gestação, ela se recusou a saber o sexo da criança.

– Menino.

– Benjamim – sussurrou para si mesma.

A nova mamãe deixou escapar um sorriso singelo e imaginou, num rompante de felicidade, o filho, de camisa e calção, correndo pelo quintal de casa com uma bola nos pés, ao lado do pai, enquanto preparava Homus, falafel, bolo de chocolate e suco de romã para o almoço. Fato que nunca viria a acontecer. Durante o caminho de volta para casa, o silêncio era tanto que uma mosca

*image
not
available*

torna adulto. Perder o contato com os amigos e deixar de criar novas amizades. A vida se torna muito pobre sem eles por perto.

Benjamim ganhou as ruelas de Jerusalém a passos tranquilos e uma aparência serena. Um meio sorriso se delineava em seu rosto e lhe dava duas pequenas covas na bochecha, ao lado da boca. Nas mãos, o inseparável espermograma de seu pai. Vez ou outra retirava o exame do envelope e lia o resultado novamente, na ingênua esperança de não encontrar aquelas duras palavras. Gostaria que tudo aquilo não passasse de um sonho ruim numa noite maldormida. Seguiu sua caminhada pela Avenida Nablus deixando para trás a Catedral de São Jorge, o Jardim da Tumba, local onde alguns devotos acreditam que Jesus fora sepultado, e a lanchonete Guevara, onde há poucas horas almoçara dois sanduíches de falafel, assim que terminara seu plantão na Rua Sultan Suleiman, a alguns passos de lá, durante o período da manhã. Segundos depois, o Portão de Damasco, que desemboca no quarteirão árabe da cidade velha, se agigantou diante de seus olhos e uma multidão se juntou a ele com o propósito de alcançar o Portão de Jaffa, entrada utilizada pelos judeus, afinal era sexta-feira, dia de *Shabat*.

Benjamim, que até então partira sem destino, deixou-se levar pelos devotos, apertou o ritmo e partiu na direção do Muro das Lamentações.

*image
not
available*

ONZE

Tel Aviv, 1994

Judith atendeu ao telefone com a voz rouca e entrecortada. Há pouco havia despertado de um sono pesado e sem sonhos e passado voando pelo chuveiro, quente e esfumaçante.

– Alô?

– Querida, preciso conversar com você!

– Daniel?

– Sim.

– Quer que eu passe aí? – ela perguntou, após uma longa e pausada bocejada.

– Não. Vamos jantar no *Lulu Kitchen & Bar*?

– Está bem. A que horas?

– Oito e meia? – Daniel Lebzinski sugeriu, num tom sério.

– Às nove? Eu costumo demorar, não se esqueça disso

– Judith disse, aos risos.

– Combinado. – Mais risos.

O restaurante se localizava no segundo quarteirão da Rua Shalom Shabazi, entrada do bairro onde morava, o que lhe dava tempo suficiente para uma breve sonequinha. Aquela não havia sido uma semana fácil para Daniel, fora ao banco várias vezes, visitara algumas

*image
not
available*

que sempre vira o amado viver seus dias mergulhado numa humildade que beirava a pobreza.

– Faz tempo que não a levo para jantar. Estava com saudades!

– Vamos, Daniel. Desembucha! – Judith reagiu, com o cenho desconfiado, as sobrancelhas sobressaltadas.

– Esses últimos meses eu ando esquecido e muito confuso – começou ele. Uma pequena pausa para refletir, olhos mirando o prato. Precisava encontrar as palavras exatas. – Se algo acontecer comigo, gostaria que ficasse com o que é meu e cuidasse dos meus negócios – completou.

– Obrigada, mas a que negócios você se refere? – inquiriu, demonstrando um ar de desentendimento.

– Você vai saber. Não agora, mas na hora certa! Há um envelope amarelo na última gaveta de minha cama contendo todas as explicações, documentos necessários e um cartão de banco. Quero que você assuma tudo – ele disse com a voz incisiva.

– Se isso for te deixar tranquilo, eu aceito – aquiesceu, no exato momento em que a comida chegava à mesa.

O silêncio imperou por longos minutos. Apenas o som do piano podia ser detectado. O jantar estava divino! Judith colocou sua mão sobre o braço do amado assim que se sentiu satisfeita. O doador de sêmen pagou a conta em dinheiro e os dois seguiram na direção da saída. Seus olhos pareciam saltados, assustados, permaneciam sem

*image
not
available*

– Você tem razão, meu amor. Eu não estou nada bem
– ele disse, de imediato. A voz parecia tensa e sufocada.

– É alguma coisa no trabalho? – arriscou. Sabia que o esposo não tinha o emprego dos sonhos. Financeiramente era mais do que realizado, mas exercer a função de Ministro da Defesa em Israel não lhe garantia dias muito tranquilos.

– Não. Na verdade, diz respeito ao menino.

– Benjamim?

– Sim.

– O que é? – Menorah ergueu as sobrancelhas e aumentou o volume de sua voz, antes baixa e tenra.

– A cada dia que passa me sinto menos pai dele. Eu observo Benjamim se desenvolver e dentro de mim cresce a sensação de que aquele filho da puta que nos doou o sêmen vai aparecer a qualquer momento, bater na porta de casa e reivindicá-lo, alegando ser o verdadeiro pai do nosso menino, e eu nada poderei fazer.

– Cale a boca, Elad. Pare de se torturar. Benjamim é o nosso filho e nós vamos cuidar dele juntos, você e eu – Menorah retrucou, apontando com o dedo indicador na direção do marido e depois para si. Em seguida, apanhou uma tâmara e a lançou entre os dentes.

– Mas não é só isso – Elad insistiu.

– O que é agora, meu amor? – ela perguntou, ainda com a boca cheia e sem demonstrar a mesma paciência do início da conversa.

*image
not
available*

tampouco a iminência de aparecer alguma viva alma. Laila olhou de esguelha e baixou a cabeça e os braços logo em seguida.

– Nossos livros estão no chão – ela sussurrou para não parecer indefesa e entregue.

– Não estou nem aí pra eles – retrucou Benjamim, olhar fixo no rosto delicado da jovem.

– Então está aí com o quê? – perguntou Laila, a cabeça fitava o chão.

Uma rajada de vento fresco acariciou o rosto de Benjamim e levou a dançar os cabelos soltos e compridos da moça, descobrindo seus olhos, que agora o encaravam numa súplica ardente de desejo. Ele nem se importou em deixar a pergunta dela sem resposta. Seus lábios tocaram a boca doce e molhada de Laila de maneira delicada, como numa cócega. As línguas se encontraram e se entrelaçaram com fome, roubando-lhes o fôlego, como num acesso de asma.

– Vamos perder nossos livros – ela disse, desvencilhando-se de seus braços e correndo de volta à avenida.

– Benjamim? Acorde! – a voz de Laila colocou fim aos seus constantes devaneios.

– Perdoe-me! Estava me recordando de quando nos beijamos no muro da escola.

– Somos amigos, Benjamim. Você pode me contar tudo o que quiser.

– Sim, claro.

*image
not
available*

– Você chegou com os olhos distantes e entristecidos esta noite. Eu estava na sala, com a luz apagada, aguardando o horário de um filme que quero muito assistir. Resolvi preparar um chá pra você – destacou, estendendo o braço na direção do colo da mãe, que agora se achava sentada e com as costas apoiadas na cabeceira da cama, cuja pintura na cor de madeira combinava com o restante dos móveis.

– Obrigada, meu lindo!

– Beba quente! Vai te fazer bem – orientou Allen. – Se você quiser me contar o que te deixou assim, pode me chamar. Estarei pronto – completou.

– Está bem – ela disse, observando o filho lhe dar as costas e se dirigir até a porta. Ele havia crescido ainda mais naquelas últimas semanas. Seus braços, fortes e torneados, mal cabiam nas mangas da camiseta.

Meu filho está lindo, pensou, num rompante, e desejou que ele ficasse por pelo menos mais um minuto com ela, que se sentasse na cama para ouvir histórias como costumava fazer anos atrás. Lembrou-se de seu aniversário de oito anos, quando teve condições e a ousadia de preparar uma festa em casa e chamar todos os seus amigos do colégio. Na ocasião, montou em seu próprio quarto uma caverna, cercada de folhas verdes, troncos falsos de árvores e um tapete macio em forma de gramado, que criaram um ambiente perfeito para brincadeiras, jogos e leituras. Allen vibrou quando descobriu e pediu a ela se podia dormir ali aquela noite.

*image
not
available*

QUINZE

Tel Aviv, naquela mesma manhã

O doador de sêmen correu os olhos pela gaveta do banheiro e não encontrou o que procurava. Sua cabeça latejava numa dor que beirava o insuportável e uma sensação de náusea e mal-estar o acordou muito cedo. Decidiu sair às ruas e comprar um comprimido para enxaquecas, um dos vilões de sua saúde. Daniel sofria de dores fortes de cabeça desde garoto, quando descobriu ter sinusite e rinite. Volta e meia caía na cama, enjoado e com a mente a explodir. Às vezes, até desejava que ela estourasse, assim seu corpo se encontraria novamente com a paz. Vestiu a primeira calça que avistou, de linho marrom, jogada por sobre a cadeira do quarto, disposta em frente ao armário, de onde apanhou uma camisa polo branca. Deixou o prédio cambaleando, quase sem equilíbrio, e se dirigiu aos trancos e barrancos até a farmácia, três esquinas para a frente, localizada na Avenida Rehov Hamered, junto à Praça Tomer Square, alinhada com a orla da praia. Engoliu duas cápsulas em seco enquanto se dirigia ao caixa, onde se formava uma pequena fila.

– Não é possível! Será que estão todos com enxaqueca? – resmungou baixo, num súbito de

*image
not
available*

a tempo de atender ao insistente chamado. Percebeu que não conseguiria, deu de ombros e ganhou o mundo do lado de fora do imóvel com um longo e tenro sorriso. Seguiu de ônibus, a uma temperatura agradável, até os principais hotéis da região para apanhar os turistas que o acompanhariam durante o passeio. Ele era o único israelense do grupo. Após passar pelo *Meridian*, *Leonardo Tel Aviv* e *Park Plaza Orchid*, e lotar os bancos do veículo com quatro brasileiros, três argentinos e dois suíços, o ônibus atravessou a Via Ganei Yeoshua rumo à estrada número 1, que desembocava no coração da Judeia.

Um cenário desértico, repleto de montanhas de areia e pedra, que o remeteu aos tempos do Antigo Testamento e do *Torá*, se agigantou diante de seus olhos. Alguns espaçados acampamentos de beduínos e povos nômades podiam ser vistos através das janelas ao lado direito do veículo, serpenteando por entre os vales pintados na cor de ferrugem. À esquerda, uma extensa sequência de tamareiras se precipitava à frente do Mar Morto, que brilhava como se fosse uma enorme placa de alumínio ou um espelho azulado, margeado pelas paredes de Jericó. Mais atrás, quase numa miragem comum no deserto, a Jordânia dava sinal de vida e lhe arrancava suspiros. Uma gota de lágrima escapou de seus olhos vermelhos e marejados e percorreu toda a sua face, vibrante e feliz. O ônibus passou pelo Vale de Qumran, região onde viveram os Essênios, dentre eles, João Batista, primo de Jesus. Conta-se que, em abril de 1947, um pastor beduíno

*image
not
available*

DEZESSEIS

Jerusalém, dias atuais

Benjamim acordou cedo, por volta das 7h30 da manhã, vindo de um sono leve e de poucos sonhos, naquele domingo ensolarado. Era final de setembro, o ar já se tornara mais fresco, mas a época das chuvas ainda não havia chegado. O céu estava pintado em azul-turquesa e as nuvens não se mostravam presentes. O jovem desceu as escadarias de casa e não encontrou uma alma viva. Um ruído estalado chamou sua atenção e levou seus olhos na direção da cozinha. Ele se deslocou até lá numa caminhada preguiçosa como se seus passos fossem a extensão de um largo bocejo. Encontrou a mesa posta no centro do cômodo, mas não havia sinal de sua mãe. Um ambiente amplo, retangular e bem planejado despontou em seus olhos entreabertos. À direita da porta, um imenso armário pintado na cor creme guardava talheres, pratos e panelas. Em seguida, podia-se ver uma enorme geladeira ao lado do fogão de seis bocas. A pia ficava em frente à entrada, cercada de grandes janelas, de onde se via boa parte do jardim, localizado atrás da casa. Uma porta colada a ela levava até o quintal. À esquerda, a área de serviço surgia atrás de uma divisória de vidro e preenchia a mobília.

*image
not
available*

concha e cobriu sua raiz e boa parte do caule, finalizando com pequenos e delicados tapas para endurecer e unificar o espaço com o restante do jardim. Sentiu-se como se acomodasse uma criança no berço, levando a coberta até o seu pescoço para afugentá-la do frio.

– Muito bem! – Menorah o parabenizou. – Agora jogue um pouco de água e peça a Deus que a ajude a gostar deste lugar.

Benjamim finalizou a tarefa com prodigiosa satisfação. Fazia algum tempo que não desempenhava uma função que naturalmente lhe devolvesse um pouco de paz.

– Obrigado, mãe – o jovem agradeceu, apoiando suas costas no tronco da oliveira a fim de descansar na sombra. Correu os olhos pelo quintal e lembrou-se de quando era pequeno e jogava futebol por sobre o gramado onde hoje as flores crescem. O gol ficava exatamente sobre a fileira das orquídeas, entre a oliveira e uma pequena tamareira. Sorriu com tranquilidade e sua mente o remeteu àquela época. Um tempo em que via o pai, sempre distante, planejar e transformar o relvado por onde ele corria, pulava e brincava, no jardim que hoje ocupa o tempo de sua mãe. Anos mais tarde, quando as lajotas de madeira foram colocadas sobre o solo, viu seu espaço ser reduzido a menos da metade do ambiente, já que os móveis que abrigavam os desjejuns vespertinos e as confraternizações se deslocaram para aquele que viria a ser o seu lado.

*image
not
available*

uma estátua a decorar aquele belo jardim. – Na época, havia centenas de doadores de sêmen, seu pai biológico é um deles. Eu não quis saber o nome do sujeito porque sempre achei que sua paternidade pertencesse a Elad. Mas ele nunca soube ser um pai por inteiro. O fantasma do tal doador de sêmen sempre o assombrou e o manteve distante de você – ela completou, num desabafo longo, seguido de uma extensa lufada de ar.

O sol havia dado uma trégua. Um vento forte soprava a noroeste trazendo nuvens cinzentas e carregadas, indicando a aproximação de uma tempestade, que não chegou a se confirmar.

– Mãe, eu amo o Elad. Para mim, ele sempre será o meu pai, independentemente de ele nunca ter se aproximado de mim como eu sempre desejei. Nada me faltou em todos esses anos. Eu só quero saber quem é o filho da puta que doou a porra do sêmen para você ficar grávida!

– Não sei o nome dele, meu lindo. Já te disse! A única coisa que posso te falar é que ele ganhou uma boa grana para fazer a doação.

– Dinheiro? Vocês compraram os espermatozoides de um homem que não sabem nem o nome? Não faz o mínimo sentido! Doar o sêmen não é uma ação voluntária, ou melhor, gratuita? – Benjamim não acreditava no que ouvia.

– Há os dois tipos de atividade, o sêmen doado voluntariamente e o comercializado. O cirurgião nos

*image
not
available*

saltou diante de seus olhos famintos, assim que seus pés atravessaram a porta de entrada da lanchonete, localizada ao lado direito da segunda Ala, a alguns metros de onde estava. Ela o devorou em poucas dentadas e no mesmo instante sentiu-se acalentada e revigorada. O chocolate fora guardado no estojo junto ao lápis, à caneta e à borracha, que descansavam lá dentro. Saiu às pressas e se dirigiu até o hall de entrada da Ala III, onde os candidatos já iniciavam a procura de suas respectivas salas. Tentou não se apavorar e disfarçou uma tranquilidade que definitivamente não batia em seu peito. Correu os olhos pelo ambiente que sonhava trabalhar no futuro e sorriu ao ser engolida por um enorme salão retangular, abraçado por enormes janelas que nasciam a meio metro do chão e se estendiam até a altura do teto. Um piso brilhante e limpo revestido de mármore branco cercado por enormes colunas circulares se achava sob seus pés.

Nos quatro cantos, escadas rolantes subiam e desciam sem pausa e pareciam formar os braços de uma enorme aranha, que conduziam os transeuntes aos infinitos andares do edifício. Cada um dos prédios do hospital, aqui chamado de Ala, representava uma especialidade e seus respectivos andares destacavam uma especificidade diferente, com direito a centros cirúrgicos e de pesquisa, bibliotecas, salas de estudo, espaço conferência e o que eles chamavam agora de praças de convivência. Não é à toa que Israel era referência mundial em medicina

*image
not
available*

pegou desprevenida em boa parte do percurso. Encontrava-se radiante como as estrelas do verão israelense. Saiu com Elicora, sua tia, uma senhora inteligente, articulada, bonita e solteira convicta, para comemorar num pub próximo de sua nova casa, em frente ao Ginásio de Basquetebol, na esquina da Rua La Guardia com a Avenida Freeway, mas em nenhum momento durante aquela noite sentiu-se de maneira totalmente completa.

Faltava-lhe alguém para compartilhar sua conquista, Benjamim.

*image
not
available*

– Se ele não mudou de endereço, acho que sei onde encontrá-lo. Amanhã podemos partir bem cedo. Por ora, preciso descansar.

Menorah aquiesceu e disse:

– Vá se deitar, meu amor. – Seus olhos apontaram para a escada.

– O quarto permanece o mesmo? – perguntou Elad, num tom de deboche.

– Por muito pouco não coloquei uma cama de solteiro – respondeu e, pela primeira vez durante toda a conversa, seu rosto se desmanchou num sorriso.

– É muito bom estar de volta. Eu estava morrendo de saudade – Elad disse e lançou seus lábios de encontro à boca da esposa, que retribuiu o gesto num beijo doce, molhado e apaixonado.

– Em que lugar esse homem mora? – ela insistiu, logo após descolar os lábios da boca do marido.

– Em Neve Tzedek, no bairro dos artistas.

– Que chique! – Menorah comentou com a voz irônica e caiu na risada. – Sabe de uma coisa? – perguntou, num tom macio.

– Diz.

– Estou aliviada, independentemente do que vier a acontecer.

– Eu também. Vou ajudar Benjamim a encontrar seu pai verdadeiro.

– Assim você me assusta! Para com isso! Você é o pai verdadeiro dele.

*image
not
available*

DEZENOVE

Tel Aviv, 1995

O barulho cortante e intermitente do trator debaixo de sua janela fez Daniel pular da cama cedo, quase na madrugada. Desde que o edifício ao lado, na esquina da Rua Ilan com a Tahrzav, entrou em obras, a noite dos moradores do bairro havia se transformado num verdadeiro inferno e diminuído o período de sono e descanso pela metade. De nada adiantaram as inúmeras assembleias e os incontáveis cartazes espalhados pelas ruelas de Neve Tzedek a favor da diminuição dos ruídos. O batucão de estacas se iniciava junto com o nascer do sol. O doador de sêmen compareceu às duas primeiras reuniões, mas pouco pôde fazer além de balançar afirmativamente a cabeça e espalhar sorrisos falsos a pessoas que mal sabia o nome. A verdade é que seus brancos na memória voltaram a assombrá-lo e ele quase não compreendia o que de fato aquelas pessoas desejavam com toda a falação que sangrava de suas gargantas furiosas.

Daniel vestiu-se mecanicamente com uma calça social marrom, mesma cor dos sapatos e das meias, uma camisa polo branca e um chapéu coco num tom creme. Ele prezava por trajes que combinassem, sempre fora

*image
not
available*

o edifício todo. O alívio chegou minutos depois ao som de sirenes. O Corpo de Bombeiros iniciou o trabalho de dissipação do fogo, enquanto um furgão de ambulância dava cabo de prestar os primeiros socorros a Daniel e levá-lo com vida ao Hospital Ichilov.

– Você é parente dele? – o paramédico perguntou ao jovem Kibutz, que se achava sentado na cabine traseira do furgão, ao lado do doador de sêmen, deitado com os olhos cerrados e uma máscara de oxigênio escondendo a maior parte de seu rosto.

– Não. Sou o verdureiro da rua, Doutor.

– Você conhece alguém da família dele?

– Que eu saiba, ele não tem ninguém – o jovem Kibutz respondeu, com a voz encabulada.

– Como assim? Está me dizendo que esse senhor não tem filhos, irmãos, primos, tios, nada? – O paramédico parecia irritado. Era um sujeito tão magro que as roupas brancas de tamanho “P” que o vestiam davam a impressão de estarem penduradas no cabide.

– Há uma senhora que compra verduras em minha venda que costuma frequentar a casa dele, mas acho que eles são apenas amigos.

– Hum – resmungou o paramédico. – Me fale quem é

– balbuciou, pegando um lápis e um pedaço de papel.

– Judith Stelar.

– Espere! Judith Stelar é enfermeira do nosso hospital.

– Disso eu já não sei – murmurou Kibutz, num sopro.

*image
not
available*

malcheiroso, onde os desavisados pensavam estar na trajetória de uma ratoeira. De uma hora para outra, como num passe de mágica, largos braços de pedra e luz se apresentavam e a cidade onde Cristo viveu seus últimos dias era descoberta.

Allen chegou exatamente na hora marcada, acenou para o amigo de longe, erguendo a mão espalmada, e aproximou-se de Benjamim carregando um sorriso leve e tímido. Estava com a barba por fazer e vestia uma roupa social preta sem gravata.

– Olá – ele disse, oferecendo sua mão.

– Oi – Benjamim retribuiu o gesto.

– Estou faminto.

– Eu também.

– O que você quer comer? – Allen perguntou, com a voz morna.

Benjamim deu de ombros.

– Qualquer coisa – respondeu, sem entusiasmo.

– Vamos até a Rua Jaffa, Benjamim? Há vários restaurantes bons e baratos por lá. Eu te pago o almoço de hoje – ofereceu.

– Sim – concordou de imediato. – Mas não precisa pagar, eu tenho dinheiro.

– Faço questão. Você fica me devendo uma – Allen disse, caindo no riso.

– Feito.

Uma pastelaria charmosa e bem cuidada se abriu na boca da Rua Jaffa, em meio aos enormes prédios

*image
not
available*

VINTE E UM

Tel Aviv, minutos depois

Um tremor no bolso da calça promoveu um pulo de susto. Laila soltou um grito, daqueles meio afogados, que se parecem muito mais com um soluço do que propriamente com um som vindo da garganta.

– Eu nunca me lembro de desligar essa bosta – resmungou, pegando o aparelho celular nas mãos. Sorriu surpresa ao acionar o botão *Selecionar* e se certificar de que havia recebido uma mensagem de Benjamim. Antes de ler o conteúdo do texto, colocou-se a mirar o nome dele no remetente da mensagem, como se seu ex-namorado estivesse ali, em carne e osso. Assim mataria a saudade, que jantava sua saúde, sua alegria e parte de sua sanidade a dentadas ferozes e cruéis. Olhou para o visor principal do celular com a mesma ternura e carinho que costumava fazer quando observava Benjamim cochilando em sua cama, logo após o almoço. Lembrou-se, num súbito, que recostava o rosto em seu ombro e acariciava sua cabeça raspada, feito lixa, provocando cócegas na palma de sua mão.

– Quanta saudade! – sibilou, num murmúrio, enquanto uma gota de lágrima se desprendia de seu olho e morria ao tocar seus lábios secos e quentes.

*image
not
available*

Chegou à recepção da Neurologia, que ocupava todo o andar, em dois pulos.

– Orah, onde está o Senhor Lebzinski?

– Está na sala do Doutor Yakir Keshet – ela respondeu, sem levantar os olhos da revista onde praticava palavras cruzadas. Era uma mulher de meia-idade, bem conservada, solteirona e com fama de devoradora de jovens.

– Obrigada – disse Judith, de imediato, correndo na direção do corredor onde os consultórios se acomodavam.

– Ei, Stelar! – gritou a recepcionista. – Aonde pensa que vai?

– Ao Líbano! Não está vendo a mala e as passagens, Orah? – soltou, num tom irônico. – Na sala do Doutor Yakir – respondeu, em seguida.

– Não vai, não! – Pausa para uma ligeira gargalhada. – Você não pode entrar lá sem que o Doutor lhe dê autorização.

– Do que você está falando?

– Novas medidas, meu anjo. Você não leu o livro *Normas e Condutas* que foi entregue na semana passada?

– Não.

Orah se colocou a rir.

– Aguarde um segundo, Stelar. Vou ligar pra ele.

Judith aproveitou para pegar um copo de água. Estava sedenta, com a garganta mais seca que o Deserto de

Negev, região árida e inóspita que cobre boa parte do país.

– E aí? – perguntou Judith, impaciente.

– Ele está sendo submetido a uma série de exames.

Parece que vai demorar.

– Como?

– Stelar, espere um pouco. Ordens são ordens – Orah respondeu, com a voz entristecida.

Num súbito, o restaurante *Lulu Kitchen & Bar*, onde jantou pela última vez com Daniel, assaltou-lhe a mente. Lembrou-se do pedido do amado.

– *O envelope amarelo com todas as explicações e documentos necessários* – repetiu suas palavras, deixando escapar em voz alta as recordações daquela noite.

– O que disse? – perguntou a recepcionista.

– Nada! Eu já volto.

– Eu hein... – murmurou Orah, voltando as atenções para a revista disposta sobre o balcão. – Só tem maluco neste hospital – completou.

Judith saiu em disparada. Precisava entrar na casa do amado e encontrar os documentos que ele havia lhe confiado. Pegou o ônibus número 4, na movimentada Avenida Weitzman, com destino a Kikar Dizengoff, próximo a Neve Tzedek. Desceu no ponto da Rua Allenby e marchou a passos acelerados e ansiosos até ganhar a Rua Jabotinsky, no coração do bairro. Mais alguns metros e a Rua Tharzav já se apresentava à sua frente.

Desacelerou a caminhada ao avistar um incontável número de policiais cercando a área do edifício. Resolveu ignorá-los e tentou atravessar a região interditada sem dar satisfação.

Um jovem policial, forte e atarracado, observou-a de longe com os olhos atentos.

– Minha senhora, onde está indo?

– Perdoe-me, oficial – improvisou. Olhou para si mesma na tentativa de inventar uma desculpa convincente e acabou sendo salva pelo traje que vestia. – Sou enfermeira do Hospital Ichilov, para onde foi levado o morador do apartamento 101. Vim a pedido do Doutor Yakir Keshet apanhar alguns documentos para dar entrada na internação do paciente – completou, com a voz firme e o corpo tenso. Fechou os olhos e rezou para que o policial não prestasse atenção em suas mãos trêmulas.

– Está bem! Pode subir, mas não demore – ordenou, apontando na direção do portão ao fundo.

– Obrigada, oficial.

– Oficial? De onde essa mulher tirou isso? – resmungou o policial, virando-se de costas.

A penumbra dominava a entrada do prédio. Uma lâmpada acesa flutuava por sobre a escada, totalmente mergulhada no breu, e tentava, sem competência, clarear o caminho até o andar superior. Um cenário bélico desabou à frente de seus olhos assim que Judith se

agachou e passou pela fita que isolava o apartamento de seu amado.

– Meu Deus! – deixou escapar, levando as mãos na altura do rosto e tapando a boca.

Uma teia cinzenta de madeira e pedras era tudo o que se via. Não restou nada para lembrar que um dia aquele cômodo mergulhado nas trevas havia sido uma casa.

Judith escalou os primeiros escombros com enorme dificuldade e cautela até alcançar o corredor e, como que por instinto, chegar ao quarto de Daniel. Ao lado do que parecia ter sido uma mesinha de cabeceira, pedaços e mais pedaços de tijolos, pretos como carvão, jaziam por sobre os destroços da cama. Calmamente, Judith foi retirando os blocos de cimento quebrados, os inúmeros pedaços de madeira e afastando as cinzas de cima do que restava da cama até descobrir intacto o envelope amarelo, próximo do piso, onde o fogo, por sorte, não havia chegado.

– Graças a Deus – disse, segurando-o entre os dedos.

Abriu-o com excessivo cuidado e retirou de lá de dentro um ramalhete de papéis, manchados pelo tempo. Duas palavras sugaram os olhos de Judith de imediato. Destacavam-se das demais pelo tamanho da fonte.

– O que é isso? – confusa, perguntou para si mesma.

– Orfanato Yesher? – leu as tais palavras num sussurro.

VINTE E TRÊS

Tel Aviv, dias atuais

O dia havia amanhecido coberto por uma névoa branca e fria. Menorah dormia no banco do carona enquanto Elad mantinha-se com as mãos presas ao volante, mas os pensamentos percorriam estradas bem longe daquele asfalto. Tentava a todo custo lembrar-se do sobrenome do doador de sêmen. O nome ele sabia de cor, não havia como esquecer. Era o mesmo de seu artista favorito, o pianista Daniel. Nascido no Uruguai em 1968, mesmo ano que ele, Daniel Florian chegou ainda criança a Israel, quase no fim da rebelião que levou Elad a viver boa parte da infância num orfanato. Quando jovem, seus pais adotivos o levavam em quase todas as apresentações do artista, inclusive em Cesareia, cidade que abriga as ruínas do Palácio de Herodes.

O carro já havia deixado Jerusalém para trás fazia cerca de trinta minutos e seguia em alta velocidade pela Autoestrada 1, totalmente vazia, na direção de Tel Aviv.

O destino era Neve Tzedek, o bairro dos artistas.

Se a sorte estivesse com o casal Raviv, encontrariam lá a morada do homem que anos atrás doara o sêmen para que Benjamim viesse a este mundo. Uma doação que custara a Elad praticamente os olhos da cara. Excedia o

valor do Chery Face do ano, responsável por levar o casal a Tel Aviv. Uma das maiores paixões de Menorah, o *carrinho*, como costumava chamá-lo, fora desenvolvido pelos chineses e se alastrou pelo mundo como uma epidemia.

Num rompante, Elad imaginou-se na estrada com destino à sua juventude e à de Menorah. Um passado ausente de malícias e de escolhas igualmente inocentes e sem pesar consequências. Benjamim fora sonhado durante noites intermináveis e viera nesse período da vida do casal. Certamente, ele foi a melhor coisa que já lhes acontecera. Mas o filho, gerado com o sêmen de outro homem, trouxe na bagagem incontáveis desatinos.

De volta à Autoestrada 1, não demorou muito para que um enxame de arranha-céus se desenhasse ao fundo. Os hotéis à beira-mar surgiram logo em seguida, juntamente com o vento fresco da maresia. Eram 9 horas quando Elad e Menorah desembocaram na Avenida Rehov Kaufman, na orla da praia. O sol já fazia seus estragos. Era robusto e queimava sem piedade diante de um céu sem nuvens. Bom para os banhistas e surfistas que curtiam o lindo dia. Elad sentiu-se tentado a parar o carro e aproveitar a praia. Há anos não colocava os pés na areia, e como isso lhe fazia falta.

Um mês de descanso em casa não é nada comparado a um dia na praia, pensou, num sentimento de saudade. Desviou os olhos do volante inclinando-os na direção de Menorah. Ela continuava dormindo. Chegava a roncar

baixinho, quase num sussurro. De repente, imaginou um diálogo com a esposa e, sorrindo, desistiu de qualquer tentativa de convite.

– *Amor, vamos dar uma paradinha na praia?*

– *Elad, não inventa! Deixa-me dormir e dirija.*

Seguiram na direção de Jaffa, região conhecida por sua riquíssima arquitetura faraônica. Levaram cerca de dez minutos para alcançar a Rua Nahum Goldman, repleta de curvas intermináveis e ladeiras íngremes, e que se estende até Neve Tzedek. Menorah girou o corpo ainda com os olhos cerrados e procurou a mão de Elad. Encontrou-a facilmente, assim como Elad, que, sem dificuldade, se viu diante da Rua Jabotinsky, no coração do bairro dos artistas, onde estacionou o carro.

– Querida, chegamos – anunciou, acariciando-lhe os cabelos.

– Onde? – ela balbuciou, num espasmo.

– No bairro do pai de Benjamim.

– Não fale assim, Elad! – Menorah bronqueou, abrindo os olhos.

– Está bem, meu amor! Chegamos ao bairro onde supostamente mora o filho da puta do doador de sêmen – corrigiu.

– Estou com vontade de desistir – ela sugeriu, com a voz trêmula.

– Menorah, nada disso! – ele exclamou, abrindo a porta do carro.

– E o que faremos agora? – ela perguntou.

– Procuramos o *bendito* – respondeu Elad, olhos injetados na sorveteria Anita. Suas lembranças começavam a cutucá-lo.

VINTE E QUATRO

Tel Aviv, dias atuais

Uma garoa fina, intermitente e irritante deu as boas-vindas a Israel e abraçou o país inteiro naquela sexta-feira de céu cinzento, pegando todos de surpresa. Ao menos, o calor não estava de assar, o vento era refrescante e inquietava os galhos secos das árvores, felizes com a chuva que descia mansa. Benjamim saltou da cama cedo, por volta das 8 horas. Estava de folga e aproveitou o período da manhã daquele dia especial para abastecer o tanque do carro, calibrar os pneus e verificar os níveis de óleo e água. Tudo certo! Decidira viajar logo após o almoço, detestava qualquer tipo de afobação ou atraso. O trajeto de Jerusalém até Tel Aviv ele conhecia como a palma de sua mão, levava aproximadamente cinquenta minutos percorrendo uma estrada de asfalto excelente e visibilidade perfeita, mesmo em dias nublados. A ideia era chegar com bastante antecedência. Pretendia ligar para Laila assim que desembocasse na cidade e, quem sabe, ir ao show com ela. Desde que comprara o ingresso, no início da semana, embora fosse um fã incondicional da banda, os músicos do Slipknot ficaram às margens dos principais pensamentos de Benjamim. Laila preencheria quase todos eles. Algo lhe

dizia claramente que ela desejava muito mais do que só a sua companhia. Talvez ele estivesse enxergando as coisas de maneira parcial e tudo aquilo não passasse de seus ardentes desejos ou de uma enganosa esperança. Mas era assim que ele preferia ver.

Benjamim voltou para casa perto da hora do almoço. Estava faminto.

Saíra às ruas pela manhã sem colocar nada no estômago. Mesmo assim, seu semblante mostrava uma felicidade além do habitual. Um sorriso largo permanecia estampado em seu rosto sem pedir descanso ou trégua. Seguiu cantarolando em direção ao seu quarto, pegou uma toalha de banho no armário e jogou-se embaixo do chuveiro.

Enquanto se vestia com uma calça jeans preta e uma camiseta do Amon Amarth, banda sueca de *Death Metal* com temática viking, sua preferida para shows, inclinou seus olhos para a janela e percebeu que a chuva havia apertado. Os grossos pingos arranhavam os vidros com força e rapidez.

Que bosta, pensou, reprovando o tempo com um balançar de cabeça.

Assim que se viu pronto, Benjamim desceu as escadas a todo vapor e dirigiu-se para a cozinha. A lasanha ainda estava no forno.

– Sente-se, querido! Está quase pronto – disse Menorah.